

Pensando os arquivos eclesiásticos: a contribuição do arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia na preservação da memória local

Thinking the ecclesiastical archives: the contribution of the Prelature of São Félix do Araguaia archive in preservation local memory

Veronete Dias Gomes¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Pedro Henrique Nascimento de Oliveira²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Paula Leonardi³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo apresenta uma compreensão a respeito de Arquivo Eclesiástico tomando como objeto e fonte a organização arquivística da Prelazia de São Félix do Araguaia – MT. A pesquisa compõe o projeto “Ressonâncias de vozes de Bispos: o Araguaia/Xingu de Casaldáliga”, em andamento junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. O referencial teórico/metodológico visa a abordagem qualitativa e dialoga com as ideias dos historiadores Jacques Le Goff (2013), Paul Ricouer (2007) e com o pensamento de Michel Foucault (2000) para, na perspectiva dos estudos genealógicos e a partir da emergência dos acontecimentos, dar a conhecer as potencialidades na construção de saberes. Esta narrativa também é resultado de atividades da disciplina Estudos Avançados em História da Educação II, que contribuiu na nossa formação sobre o tema dos arquivos. Concluímos que o arquivo eclesiástico, como território de produção de sentido e problematização da vida, constitui-se como um dispositivo que preserva, organiza e disponibiliza um conjunto de memórias, composto por escritos, iconografias e materiais áudio visuais, com informações disponíveis a respeito de autoridades e grupos socioculturais, ligados ou não ao clero, permitindo diversas construções teóricas.

Palavras-chave: Memória; Documento; Arquivo eclesiástico; Prelazia de São Félix do Araguaia.

ABSTRACT

¹ Mestre em Educação (UFG). Doutoranda em Educação (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1370-5176> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0044218170701861> .E-mail: neth.said.ng@gmail.com.

² Mestre em Educação (UFG). Doutoranda em Educação (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9783-5968> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3651464355596585> .E-mail: ph_olliveira@yahoo.com.br

³ Doutora em Educação (USP). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4046-9703> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930629041565848>.E-mail: leonardi.paula@gmail.com.

This article presents an understanding of the Ecclesiastical Archive taking as its object and source the archival organization of the Prelature of São Félix do Araguaia – MT. The research is part of the project “Resonances of Bishops' voices: the Araguaia/Xingu de Casaldáliga”, in progress along with Graduate Program in Education at the State University of Rio de Janeiro – UERJ. The theoretical/methodological framework aims a qualitative approach and dialogues with the ideas of historians Jacques Le Goff (2013), Paul Ricouer (2007) and with the thought of Michel Foucault (2000), so that the perspective of genealogical studies and emergence events make known the potential in the construction of knowledge. This narrative is also the result of activities in the Advanced Studies in the History of Education II subject, which contributed to our training on the theme of archives. We conclude that the ecclesiastical archive, as a territory for the production of meaning and problematization of life, constitutes a device that preserves, organizes and makes available a set of memories, composed of writings, iconographies and audio visual materials, with information available about authorities and sociocultural groups, linked or not to the clergy, allowing for different theoretical constructions.

Keywords: Memory; Documents; Ecclesiastical archives; Prelature of São Félix do Araguaia.

RESUMEN

Este artículo presenta una comprensión del Archivo Eclesiástico tomando como objeto y fuente la organización archivística de la Prelatura de São Félix do Araguaia - MT. La investigación se enmarca en el proyecto “Resonancias de las voces de los obispos: el Araguaia/Xingu de Casaldáliga”, en curso con el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Estadual de Río de Janeiro - UERJ. El marco teórico / metodológico apunta a un abordaje cualitativo y dialoga con las ideas de los historiadores Jacques Le Goff (2013), Paul Ricouer (2007) y con el pensamiento de Michel Foucault (2000) para, desde la perspectiva de los estudios genealógicos y desde la emergencia de los eventos, dar a conocer las potencialidades en la construcción de saberes. Esta narrativa es también el resultado de las actividades de la disciplina de Estudios Avanzados en Historia de la Educación II, que contribuyeron a nuestra formación en el tema de archivos. Concluimos que el archivo eclesiástico, como territorio de producción de sentido y problematización de la vida, constituye un dispositivo que conserva, organiza y pone a disposición un conjunto de memorias, compuesto por escritos, iconografías y materiales audiovisuales, con información disponible sobre autoridades y grupos socioculturales, vinculados o no al clero, que permiten diferentes construcciones teóricas.

Palabras clave: Memória; Documentos; Archivos eclesiásticos; Prelatura de São Félix do Araguaia.

*Essa lembrança que nos vem às vezes...
folha súbita que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas...
Essa lembrança... mas de onde? de quem?
[...]*

(Mário Quintana).

POR ENTRE AS NOÇÕES DE DOCUMENTO, MEMÓRIA E ARQUIVO

Este artigo traz para o diálogo as ideias de arquivo, de maneira singular, as discussões em torno do arquivo eclesiástico e também pretende registrar e analisar a organização arquivística da Prelazia de São Félix do Araguaia. Por este entendimento, esse dispositivo – o arquivo da prelazia - precisa ser pensado nas potencialidades que pode oferecer como a possibilidade de colocar em debate o contingente de documentos que possui para a construção do conhecimento. Com muita acuidade, queremos demonstrar que estudar o arquivo possibilita avanços na leitura de mundo reordenando as ideias de passado e presente e a construção de caminhos para o futuro em função do que pode estar disposto nessas

Pensando os arquivos eclesiásticos: a contribuição do arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia na preservação da memória local

informações e a quantidade/qualidade de conhecimentos que possam ajudar a constituir. Esse estudo será conduzido levando-se em conta que mesmo toda a organização e o material de arquivo sendo, segundo Le Goff, documento/monumento, a noção de prova histórica não pode ser dispensada em um tempo em que tantas descobertas científicas são questionadas⁴.

A proposta deste trabalho é colocar na conversa o tema arquivo eclesiástico e, para isso, tomamos como fonte e objeto de análise o Arquivo Eclesiástico da Prelazia de São Félix do Araguaia, tendo em vista que este viabilizará produções relevantes para os conhecimentos do/e sobre o povo da região do Araguaia/Xingu. A escolha deste tema está relacionada com o projeto de pesquisa intitulado “Ressonâncias de vozes de Bispos: o Araguaia/Xingu de Casaldáliga”⁵.

Trata-se de pesquisa qualitativa⁶ que recorre ao pensamento de historiadores e outros pensadores. Caminhamos com Jacques Le Goff (2013), no diálogo em torno da história e memória, que contribuem significativamente na compreensão das questões da história e das relações com os corpus documentais e as transformações em documentos/monumentos por parte do historiador⁷. De Paul Ricouer (2007), tomamos também o pensamento sobre a memória, a história e o trabalho para evitar o esquecimento, bem como a necessidade de produção do arquivo.

Para ampliar esta conversa recuperamos as ideias contidas na epígrafe deste texto que nos faz pensar em lembranças, memória, ecos de pensamento, produtores de informações e conhecimentos em que Mário Quintana presenteou o mundo em forma de poesia. Afinal, arquivos guardam vozes de homens e mulheres, produzem lembranças, constroem e reconstroem memórias. Em outras palavras, podem nos ajudar a relembrar a vida das pessoas e das instituições. Neste caso, particularmente, a organização social e cultural que pode guardar a memória de uma pessoa, de um povo, de uma população ou de um País: o arquivo e o arquivo eclesiástico.

1. O arquivo: elemento básico na produção de conhecimento.

⁴ Para a discussão da noção de prova ver Ginzburg - *Relações de força*. História, retórica, prova. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

⁵ Esse projeto de pesquisa, de autoria de Veronete Dias Gomes, foi aprovado pelo Proped/UERJ, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Paula Leonardi.

⁶ Cf. Minayo (2002, p.21) “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser à operacionalização de variáveis.

⁷ Cf. pensamento produzido por Le Goff (2013, p. 485-499)

Durante longos séculos, as ideias de arquivo passaram por diferentes concepções nos diálogos sobre o tema da organização documental e em torno dos conceitos de memória, pensada como um modelo de guarda que repassavam, de geração em geração, as práticas culturais de determinadas sociedades. Talvez, por isso, a noção de memória seja uma das mais importantes maneiras de cultivar processos educativos e de construção de tradições culturais que permeiam as formas de manutenção da existência das sociedades ou pequenos grupos em distintos espaços sociais.

Jacques Le Goff, ao narrar a constituição da memória/documento no livro *História e Memória* contribuiu substancialmente com a arquitetura teórica da historiografia moderna, bem como colaborou no alicerce das bases do pensamento sobre as ideias de memória e organização de documentos para guarda, manutenção cultural de providências e sentidos da vida, forjando a preservação das tradições e permanência histórica de lembranças. Isto porque, os arquivos, a guarda de documentos, a constituição de memórias registradas nas mais diversas formas, constroem e reconstróem, se dão a ler e reler, podem ser visitados e revisitados, auxiliam a lembrar e relembrar os acontecimentos e fatos que fornecem sentido para a vida.

A partir de formulações, alicerçadas em escritos anteriores que se preocuparam em pensar a memória, os arquivos e os documentos, assistimos o desenrolar frutuoso, entre os historiadores, de uma série de diagnósticos, indagações, contestações e invenções de espaços de organização documental, inclusive auxiliando na elaboração de políticas públicas vislumbrando a ampliação dos processos de disputas pela preservação da memória de um povo, especialmente após a segunda grande guerra. Assim, nasceram, sobretudo, os conhecimentos especializados sobre os arquivos. Um elemento desse aspecto para entender os arquivos pode ser encontrado nesta análise:

[...] como cofres, que conservam preciosidades, Arquivos protegem, oferecem abrigo a papéis que lá buscam a perenidade. Neles, comumente existem armários, fichários, gavetas, prateleiras, caixas plásticas, talvez estantes metálicas deslizantes, mesas de trabalho, computadores. São ambientes projetados ou improvisados, mas cuja intenção sempre é resguardar, da melhor forma possível, de acordo com as condições que efetivamente se têm. O que se conserva nesses lugares pode ser comparado ao cuidado que se tem com relíquias, tais como “os cofres” descritos por Bachelard, que abarcam passados, presentes e futuros. (ALMEIDA, 2021, p. 9).

Eis uma compreensão do arquivo. Isto é, uma instituição de relíquias. Relíquias registradas sob diferentes formas que asseguram a tradição de contar e provar/negar ou questionar a existência de narrativas orais. É bem verdade, que esses registros desejam também apresentar a vivacidade dos produtores dos documentos e, assim, as memórias arquivadas resguardam pressupostos organizativos que, dependendo do espaço social e geográfico que possuam, ficam disponíveis para atender as demandas das instituições e das

Pensando os arquivos eclesiásticos: a contribuição do arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia na preservação da memória local

peçoas, seja somente para preservar memórias/veracidade ou para realizar o valor da preservação da tradição e das verdades contadas pelas pessoas constituintes de agrupamentos sociais.

A partir dessas conversas, podemos constatar que emergem outras explicações. Ao problematizar o alcance de um arquivo, alguns formuladores teóricos auxiliam a percepção sobre a necessidade/importância desse dispositivo. E, estudiosas do tema produzem sentido que apontam para uma ampliação da visão limitada das leis⁸ sobre o arquivo.

Arquivos são lugares que acumulam camadas de tempo, como estratos de experiências que permanecem ou se modificam em velocidades próprias. Em vista disso, é o presente que se constitui em uma espécie de guia e, assim, conduz os gestos de guardar. Segundo Koselleck (2014), observar os acontecimentos pelas camadas do tempo acumuladas permite ao historiador se perguntar quanto do passado existe naquele presente e, dessa forma, a vida humana passa a ser compreendida como um tempo histórico. (CUNHA & ANDRADE, 2020, p.98).

Nesse tom poético as escritoras ajudam a compreender que arquivo não é um lugar comum de depósito de escritos ou iconografias. Arquivo é lugar de sensibilidade humana, é espaço de busca de verossimilhanças que ajudam a frutificar os destinos que cada um se permite na vida e a identificar os suportes sociais em que estão inseridos determinados acontecimentos que, por vezes, nos instantes de realização, não conseguimos diagnosticar e sequer perceber. Nesse passo, ao estabelecer ligação com o tempo e a vida, as escritoras nos conduzem a pensar o arquivo como territórios de produção da vida do presente a partir do passado.

Se o tempo e a vida são questões fundantes das ideias de arquivo, a noção de tempo pode ser inventariada por outras maneiras e problematizada para estabelecermos possibilidades multiformes de compreensão não somente da noção institucional ou normativa de arquivo. Também ajuda a alcançar as mais amplas oportunidades do cultivo de significados em torno da realização e materialização e, conseqüentemente, as composições de experiências de vidas vividas com a existência do arquivo, até porque

Em princípio, Arquivos são lugares apropriados para que se desnaturalize o conceito tempo. Usualmente identificados ao passado, lá se tramam complexas relações temporais: conservam-se materialidades de outrora, que são pensadas no presente, mas almejam a perenidade, ou seja, pretérito, presente e futuro estão urdidos nos Arquivos, que acumulam camadas de tempo, como estratos de experiências, que coexistem em permanente ajustamento. (ALMEIDA, 2021, p. 20).

A perspectiva de análise na definição dessa autora permite olhares múltiplos sobre a noção de arquivo e as relações com o tempo e a vida das pessoas. Nesse aspecto, a conexão

⁸ Cf. Lei Federal nº 8.159 de 08 de janeiro de 1991, Art. 2º podemos verificar o limite das normas. "Arquivo são os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos".

entre passado, presente e futuro deve articular as competências e qualidades de uma organização arquivística classicamente pensada, visando ampliar o horizonte de alcance dessa instituição.

Com isso, podemos afirmar que os arquivos, por sua natureza e por suas finalidades, são constituições que precisam ser compreendidas na dimensão das suas proposituras, dos lugares que ocupam em uma sociedade da escrita ou de construção de momentos da vida, de manutenção da tradição e ou de fomento e busca de permanências do poder simbólico a partir dos registros escritos e iconográficos.

Afinal, há uma produção que precisa ser pensada por modos que levem em consideração a humanização a que se destina um arquivo:

O arquivo é abundante em personagens, mais que qualquer texto ou que qualquer romance. Esse aglomerado incomum de homens e mulheres, cujo anonimato não diminui em nada com a revelação de seus nomes, reforça no leitor uma impressão de isolamento. O arquivo impõe logo de início uma enorme contradição: ao mesmo tempo em que invade e emerge, ele conduz, por sua desmesura, à solidão. Uma solidão em que polulam tantos seres “vivos” que parece quase impossível dar conta deles, ou seja, fazer sua história. (FARGE, 2009, p.20).

Com essas ideias temos um horizonte de inteligibilidade de que o ato de se fazer na história e fazer a própria história não é somente dos profissionais da história e sequer, isoladamente, do agente histórico. Trata-se justamente da interface dessas diferentes atuações sobre a história, que se dá inclusive por meio de pessoas anônimas, dos sem rosto reconhecido, dos sem identidades convencionais, enfim, daqueles sem as coroas das ideias de homens “vultos da história” ou os considerados “homens bons”. Por isso, é importante pensar sujeitos que emergem nas batalhas dos acontecimentos, nas guerras pela vida, na experimentação das artes de viver e participar das práticas cotidianas da invenção da tradição da vida em grupos sociais e de sociedades nas suas complexidades.

Além da beleza do ato de organizar vestígios de vidas no espaço/tempo das experiências vivenciadas, a ideia de arquivo também é seletiva na efetivação dos seus objetivos, na conformação das suas finalidades. A inserção de dados, de informações, de escritos que permeiam o ato arquivístico interessa a todos que o fazem ou que deles se utilizam para a produção de conhecimentos. A multiplicidade de fins e ações ganha qualidade quando conseguimos imaginar que

A arquitetura em múltiplos níveis dessas unidades sociais que constituem os arquivos reclama uma análise do ato de inserção em arquivo, de arquivamento, suscetível de ser localizado numa cadeia de operações veritativas, tendo por termo provisório o estabelecimento da prova documental. Antes da explicação, no sentido preciso do estabelecimento das respostas em “porque” às perguntas em “Por que?” há o estabelecimento das fontes, o qual, como diz Certeau com propriedade, consiste em “redistribuir o espaço” que os colecionadores de “raridades”, para falar como Foucault, já haviam quadriculado. Certeau chama de “lugar” “o que permite e o que proíbe” (*op. Cit.*, p. 78) essa ou aquela espécie de discurso em que se enquadram as operações propriamente cognitivas. (RICOEUR, 2007, p. 178)

Logo, as operações arquivísticas constituem rituais de seleção documental que permitem o encadeamento de pressupostos de verdades que podem/devem ser comprovadas pelos documentos neles contidos que explicam uma dada realidade. Afinal, ninguém faz arquivo sem o objetivo de materialização, de confirmação, enfim, de comprovação ou negação de acontecimentos e fatos que estão nas experiências das vidas e que se encontram na dimensão da manutenção de uma memória ou de tradições existentes nas sociedades da escrita e da gravura. Em outras palavras, as máquinas arquivísticas constituem poderes de verdade que delineiam os caminhos a percorrer em busca da normalização dos acontecimentos em determinadas explicações, sejam para interesses privados, cumprimento de obrigações ou para precisões científicas.

1.1 O arquivo eclesiástico: um peculiar lugar de conhecimento e sensibilidades humanas.

Se o tema do arquivo já é complexo, imaginemos as discussões possíveis sobre as noções e as ideias do que se propõem a ser os arquivos eclesiásticos. Estes templos de comprovação de verdades legitimadas pelos homens/mulheres e pelos testemunhos comprovados em documentos ou outros comprovantes de realizações, ainda estão por merecer estudos mais avançados, em particular, no campo da história. É nessa direção que queremos intensificar as análises sobre os arquivos eclesiásticos, de maneira singular, como elemento fundamental da construção do pensamento em torno das questões temáticas que envolvem a caminhada da sociedade brasileira.

Na busca pelo tema, encontramos o trabalho de Santos (2005), que nos leva a perceber que os arquivos eclesiásticos estão sendo estudados de maneira ímpar pela arquivologia, bem como nos ajuda a entender que a disposição arquivística na Igreja Católica tem contribuição significativa para a efetivação de estudos de problemas sociais não somente do Brasil, mas na América Latina, de maneira especial. Afinal, os arquivos eclesiásticos comportam documentos sobre nascimento, morte, atos e ações religiosas de pessoas e grupos sociais em determinadas circunstâncias da vida e registram ações que podem ser comprobatórias de acontecimentos e provas de vida de pessoas e, com isso, garantir determinados direitos e obrigações de fazer em outros diversos casos.

Há séculos, a Igreja Católica já tinha certa urgência em dialogar a respeito da preservação de documentos acumulados ao longo de sua história. Os concílios⁹ haviam expressado essas preocupações, e Santos (2005) registra historicamente alguns dos exercícios de preservação da instituição. Em relação ao Brasil, o pesquisador assegura que “[...] as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e o Regimento de Auditório, ambos de 1707, foram pioneiros na regulamentação quanto à produção e à disciplina documental, e vigoraram até a promulgação do Código de Direito Canônico de 1917 (SANTOS, 2005, p. 18). Nessa convergência de proposições, a Igreja Católica contribuiu decididamente para a construção de um ideário arquivístico no mundo e, de maneira singular, no Brasil.

Historicamente ganhando qualidade e importância sociocultural, o trabalho de organização arquivística das experiências eclesiais foram moldando formas constitutivas dos arquivos pertencentes a Igreja Católica, inclusive com reconhecimento do movimento da “*Escola dos Annales*”¹⁰. Tais produções arquivísticas e interpretações das organizações proporcionaram alguns elementos a considerar nos trabalhos sobre arquivos eclesiais:

De fato, o arquivo eclesial [...] é uma entidade que só pode ser compreendida em toda a sua complexidade se for posta em destaque a sua relação de dependência ou interdependência com outras entidades sociais, maiores ou menores, partindo do indivíduo e chegando às estruturas sociais maiores e mais complexas, como, por exemplo, o poder civil-político. Em outras palavras, não se pode compreender o processo de criação e de funcionamento de um arquivo eclesial em toda a sua totalidade sem levar em conta sua relação com a instância à qual está atrelado naturalmente, qual seja, a Igreja. Esta, por sua vez, exerce sua influência através de representações codificadas, incluindo neste universo simbólico o arquivo, produto cultural e histórico, resultado das relações complexas com outros atores e instâncias sociais. (SANTOS, 2005, p. 26).

Daí a importância da generosidade política, cultural e social em dispor de arquivos com tamanha capacidade de auxiliar no incremento da compreensão das relações humanas historicamente exercitadas e não somente demonstrar feitos dos seus membros. De maneira singular, dando a conhecer datas, nomes, relações sociais e religiosas, fatos e acontecimentos sócio/políticos/culturais/religiosos, que constituíram o cotidiano da vida de um grupo social ou de uma complexa sociedade. Entretanto, como toda organização arquivística, podemos problematizar os documentos devidamente selecionados para expressão arquivística.

Exatamente, por ser nossa percepção atual, asseguramos que os sentidos, os significados, as construções de pensamento sobre as vidas existentes em um arquivo

⁹ Cf. Santos (2005), o Concílio do Vaticano II (1962) foi o evento de maior influência na mudança de postura da igreja em relação aos seus bens materiais.

¹⁰ Cf. compreensão registrada por Santos (2005, p. 24) “Sem dúvida, o estudo da história dos arquivos – já indicado por muitos autores como área temática da Arquivologia, pelo fato de permitir aos que lidam com estes fundos se colocarem frente à situação, problemas e futuros destes – justifica-se, especialmente com o advento da Nova História, que ampliou o conceito de documento como fonte histórica e, consequentemente, os possíveis temas e objetos de análise e pesquisa”.

Pensando os arquivos eclesiásticos: a contribuição do arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia na preservação da memória local

implicam partes seletivas da história de famílias, de pessoas, de agentes históricos e de instituições e relações interinstitucionais que são colocados em disponibilidade para construção de conhecimentos sobre a produção e ordenação das experiências de vida¹¹. Daí o cuidado, as vezes exagerado na seletividade de documentos e na disponibilidade de documentação para efeitos de pesquisas e publicização. Não é sem explicações que a Igreja ainda possui arquivos sigilosos e arquivos secretos.

Além de entender os arquivos eclesiásticos como manifesto de Igreja também conseguimos problematizar que, ao transitar por entre o profano e o sagrado, a disposição de um arquivo eclesiástico possui potencialidades diferenciadas. Principalmente porque “o fundo documental religioso pode ser compreendido como substrato da práxis religiosa de uma comunidade, o que denota a abrangência do universo e dos elementos representados através dos seus registros”. (SANTOS, 2005, p. 27)

Nessa perspectiva teórica podemos afirmar que a engenharia de pensamento da construção, preservação e disponibilização de um arquivo eclesiástico exige inúmeros cuidados na materialização dos elementos componentes de uma organização arquivística. Naturalmente porque podemos descortinar outras histórias, dialogar a respeito de pessoas comuns da sociedade, enfim, não mais ficar presos somente nas ideias de estudar grandes feitos de grandes vultos da história e, como afirma Santos (2005, p. 20) “[...] mas também tratando do cotidiano das massas sem rosto, que tiveram sua passagem nesta terra registrada nos assentos paroquiais”. E, nesta oportunidade construímos outros questionamentos: será que podemos incluir social e historicamente, em distintos arquivos, vidas de pessoas simples, comuns, pobres, com vida cultural comprometida e com dificuldades de aproximação aos bens sociais, ou “homens ordinários”, nas palavras de Certeau (2001, p.62), que não tiveram acesso ao registro de batismo, casamento, morte, testemunho, crisma, primeiro ato de comungar, participação em festas e atividades da igreja?

Ao trabalharmos com os arquivos eclesiásticos precisamos compreender que suas singularidades: são instituições que registram instantes da vida convencional de cada dia e também os mais intensos momentos de vida social, de fé, de religiosidade, enfim, de sentimentos e emoções que envolvem outras formas de tornar a existência de cada sujeito, muito mais instigante em um grupo social.

¹¹ Como registra, de maneira generosa, as palavras convincentes de Farge (2009, p.14): o arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamaria de história.

2. O Arquivo Eclesiástico da Prelazia de São Félix do Araguaia: Memórias de vidas entrecruzadas e forjadas nas experiências de poder viver.

Ao estabelecermos alguns elementos da organização arquivística, podemos ter uma certa razoabilidade de entendimento das ideias de “arquivo” e de maneira bem particularizada o tema do “arquivo eclesiástico” que embasa este trabalho. Partindo das questões teóricas elencadas acima passaremos agora a uma discussão sobre as singularidades de organização de um arquivo eclesiástico específico, que pertence à Prelazia de São Félix do Araguaia.

Deste modo, queremos apresentar uma institucionalização documentária com uma importante experiência com a constituição arquivística do campo eclesiástico da contemporaneidade. E, não se trata de mero discurso para alimentar o ego de setores da Igreja Católica, nem para ampliar a qualidade do arquivo e das produções arquivísticas contidas em cada gaveta, em cada armário, em cada filme, em cada arquivo digital, em cada dispositivo portátil. Afinal, poucas produções se comparam com cada livro de registro de atividades ou em cada figura contida nesse lugar de guarda de memória de um dos mais importantes personagens das instituições religiosas no último século no Brasil: a vida do povo do Araguaia/Xingu e as ações da igreja católica coordenadas pelo Bispo Pedro Casaldáliga na segunda metade do século XX e início do século XXI.

. A organização documentária em estudo está em São Félix do Araguaia, na região nordeste do Estado de Mato Grosso, na divisa do cerrado com a Amazônia, no centro de relações sociais complexas deste “país” que é a região do Araguaia/Xingu. Esse arquivo eclesiástico tem sua constituição na Prelazia de São Félix do Araguaia¹² que, atualmente, é administrada pelo Bispo Dom Adriano Ciocca Vasino, um italiano que trabalhou no nordeste e tem aproximações culturais com grande parte do povo brasileiro.

Esse arquivo eclesial contém o resultado de trabalho de décadas de bispos, padres, missionários e missionárias, professores, leigos e profissionais que dedicaram suas vidas a trabalhar em um lugar inóspito e desafiador como era aquela região no final do século XX. Na realidade enfrentaram condições de vida bárbara e também a própria violência do Estado, materializada particularmente na ditadura militar, inclusive, com o fechamento do arquivo

¹² Existe também uma parte chamada de Biblioteca que hoje abriga o conjunto de livros que eram usados no Seminário de formação de padres, da Prelazia de São Félix do Araguaia. Contém obras litúrgicas e teológicas, mudou da antiga para a sede atual da Prelazia de São Félix do Araguaia, na Paróquia de Nossa Senhora da Libertação, no Município de Porto Alegre do Norte. A biblioteca ainda em organização também dispõe de arquivos digitais e está disponível também para consulta pública online do material já digitalizado que constitui o Arquivo Eclesiástico da Prelazia.

Pensando os arquivos eclesiásticos: a contribuição do arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia na preservação da memória local

eclesiástico e abertura de inquérito policial para apurações dos “ditos crimes” do Bispo Casaldáliga¹³.

O Arquivo Eclesiástico de São Félix do Araguaia foi tomado como uma responsabilidade e missão para ordenar documentos, esquadrihar e caracterizar a constituição desse lugar pela irmã de caridade, senhora Irene Maria Paula Franceschini, uma componente da Congregação São José¹⁴ que chegou naquela cidade em meados de 1971 e foi, aos poucos, como leiga no assunto de arquivo, dedicando-se aos estudos do tema e aprendendo as minúcias de uma organização arquivística. Nessa sua determinação a “Irmã Irene” ou “Tia Irene” como era conhecida pela população local, contou com a colaboração de voluntários de uma ONG denominada “Arquivistas Sem Fronteiras” da Espanha, particularmente da região da Catalunha. Duas pesquisadoras de questões da Prelazia registraram esses assuntos com a participação da Irmã Irene. E tanto Castravechi (2017), quanto Scaloppe (2009) tratam deste tema de maneira precisa, contribuindo mais ainda sobre as notícias e informações das pessoas das comunidades a respeito da presença da Irmã Irene na Prelazia de São Félix do Araguaia.

Esse dispositivo está constituído de maneira orgânica por documentos, objetos e equipamentos que apresentaremos no decorrer deste texto. Assim sendo, no primeiro momento descreveremos o prédio de existência do arquivo que perdura há quase cinquenta anos e, na sequência, discutiremos sobre a organização documental desse arquivo eclesiástico.

Uma fotografia recente permite conhecer a localização e espaço social de definição da existência e manutenção do Arquivo Eclesiástico da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Figuras 1 e 2 – Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia, 2021



Fonte: Arquivo pessoal de Veronete D. Gomes



Fonte: Arquivo pessoal de Veronete D. Gomes

¹³ Ver Castravechi (2017), Souza (2009) e Soares Et All (2017).

¹⁴ Cf. Banco de dados do Grupo de Pesquisa sobre Educação, Instituições e Desigualdade – FOCUS/UNICAMP – Essa Congregação foi fundada pelo padre Jean Pierre Médaille, na França, em meados do século XVII. Disponível em: <https://www.focus.fe.unicamp.br/pt-br/projetos-tematicos/congregacoes-catolicas-educacao-e-estado-nacional/banco-de-dados>. Acesso em 29 jul. 2021.

As dependências do Arquivo estão no interior do prédio denominado de Centro Comunitário da Prelazia de São Félix do Araguaia¹⁵, onde se encontra também instalado o Jornal Alvorada, além de infraestrutura a que se destina o referido prédio para atender as atividades de projetos e garantir condições de existência das instituições da Prelazia.

Pelas operações realizadas¹⁶, constatamos que, atualmente, possui uma quantidade aproximada entre 260 e 280 mil documentos, sendo que a maior parte foi digitalizada e se encontra disponível para cópia em papel. Esse arquivo eclesiástico possui um significativo número de documentos, ordenados por temas e épocas. Constituem registros escritos e fotográficos, desenhos e pinturas, de atividades realizadas por antigos padres, bispos e missionários em períodos anteriores a chegada do então Padre Pedro Casaldáliga na Prelazia de São Félix do Araguaia, no ano de 1968 e também documentos produzidos, organizados e dispostos a partir do trabalho do Bispo Pedro. Nesse acervo consta também um contingente de registros dos primeiros diários das Irmãzinhas de Jesus da Ação Missionária de Charles de Foucauld¹⁷, cuja ordem missionária foi instalada na região no decorrer da década de 1950. Escritas em língua francesa essas narrativas proporcionam um panorama do trabalho dessas mulheres missionárias, destacando-se, principalmente, as atividades das “Irmãzinhas” com o povo indígena Tapirapé, com quem conviveram e convivem até os dias atuais.

Ainda construindo um pensamento a respeito do Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia e ao tratar questões dos lugares documentais, Castravechi anotou que

O acervo da Prelazia de São Félix do Araguaia possui cerca de 250 mil documentos, divididos em grandes setores: posseiros, peões, CPT nacional e regional, informes paroquiais, ações judiciais, entre outros, e mais de 50 mil cartas, as enviadas a Dom Pedro e as respondidas por ele. As mensagens são de gente simples e de autoridades militares, sendo estas públicas e de teor sigiloso na época. Não há correspondências íntimas, nem confessionais. O acervo encontra-se em sua maior parte digitalizado e acessível ao público. [...] é constituído como um lugar social, e por ser atrelado à Igreja Católica, não quer dizer que seja apenas um lugar religioso, mas também político. (CASTRAVECHI, 2017, p.40)

Por essa narrativa podemos ter uma percepção da organização arquivística constituída pelo Bispo Pedro Casaldáliga e por Irmã Irene. O primeiro produzia e coordenava a produção documental e a segunda, além de produzir documentos relativos ao Arquivo Eclesiástico da Prelazia, também organizava o lugar da memória dos registros das atividades dos missionários, padres e Bispo da Igreja Católica da região do Xingu/Araguaia e da população em geral.

¹⁵ No ano de 2008, esse Centro Comunitário da Prelazia de São Félix do Araguaia recebeu o nome de Centro Comunitário Tia Irene, em uma justa homenagem à primeira organizadora do arquivo.

¹⁶ A coleta de dados contou com o acompanhamento/participação da atual responsável pelo espaço social dessa organização documental, a senhora Edileuza Dias Nunes.

¹⁷ Cf. Irmãzinhas de Jesus, 2002 – Essa Congregação foi fundada pela Ir. Madalena de Jesus na Argélia, em 1939. Chegou no Brasil, especificamente, em Mato Grosso, no ano de 1952, para viver com os povos indígenas Tapirapé, na região do Araguaia na Aldeia.

Pensando os arquivos eclesiais: a contribuição do arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia na preservação da memória local

No interior do arquivo temos as seções e subseções. As denominadas “SEÇÕES” são constituídas por 02 prateleiras com discos de vinil, Cds, VHS, DVDs; 04 arquivos com gavetas contendo teses e slides e 15 armários fechados contendo centenas de pastas organizativas de documentos denominados de Subseções que produzem o esquadrinhamento dos temas, selecionando os documentos e respectivos assuntos que produziram a seletividade para disponibilidade naquele arquivo eclesial. No interior das pastas temos ainda o Expediente, constituído por envelopes plásticos que separam os temas por períodos históricos. Cada envelope tem um índice descrevendo o conteúdo existente e, por fim, cada documento selecionado, devidamente numerado, recebendo ordenações por letras e números, auxiliando a localização e a disposição nos respectivos lugares de guarda.

Uma visão das prateleiras permite construir um significado do arranjo arquivístico para que possamos problematizar seu modo constitutivo.

Figuras 3 e 4 – Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia, 2021



Fonte: Arquivo pessoal de Veronete D. Gomes



Fonte: Arquivo pessoal de Veronete D. Gomes

Os registros fotográficos acima aparecem dois dos modelos de prateleiras que ordenam a organização do Arquivo da Prelazia. Na foto do lado esquerdo podemos notar a disposição de arquivos com portas e que, dispostos os respectivos fundos, permitem melhor aproveitamento do espaço disponível do prédio. Na foto à direita, constatamos que se trata de prateleiras, o que exige espaço na parede para dispor de uma centralidade de um único lado, onde podemos conferir os documentos e acessar as informações. Aqui verificamos o cuidado primoroso com o ambiente do arquivo; a harmonia dos objetos com a singeleza do lugar denota a significância que este espaço tem para a comunidade local, no sentido da preservação da memória de um Bispo, e, de maneira singular, os cuidados com a memória de um povo. Também conseguimos confirmar que, sua existência, se faz pelo compromisso de setores sociais que organizam doações e ajudas financeiras e de materiais para a manutenção desse importante dispositivo sociocultural e educativo.

Abaixo, outros registros fotográficos reposicionam nossos olhares para pensar o arquivo eclesial. Estes modelos contêm uma proposta em que os documentos são preservados em

arquivos com gavetas e a outra em prateleiras, composta por caixas com documentos ou pastas ou fitas filmicas que registraram a vida de setores sociais do Araguaia/Xingu.

Figuras 5 e 6 – Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia, 2021



Fonte: Arquivo pessoal de Veronete D. Gomes



Fonte: Arquivo pessoal de Veronete D. Gomes

Com registros documentais diferenciados que ordenam cartas, ofícios, jornais, enfim, uma multiplicidade documental, este modelo de disposição documental oferece maior qualidade no armazenamento, garantindo uma melhor preservação e facilitando a busca pelos documentos em prateleiras diferenciadas nos modos de recebimento dessa massa documental.

A distribuição dos documentos obedece a uma lógica arquivística que estabelece um certo regramento e permite um acondicionamento que facilite a localização de documentos para pesquisa. Assim pensado, o arquivo tem uma distribuição que está organizada de uma maneira bem ordenada e disposta em letras alfabéticas e algarismos arábicos dispostos da seguinte maneira: Seção A, Seção B, Seção C e Seção D. Temos também a seção de Arquivos Fotográficos e filmicos como esse da foto acima do lado direito.

Para efeitos de exemplificação, apresentamos o modo organizativo de uma das seções vislumbrando a imaginação sobre a disposição do corpus documental. Assim, encontram-se descritos da seguinte maneira na SEÇÃO A. Logo abaixo dispostos: A1 – Fundação. Sagração. Igreja de São Félix do Araguaia; A2 – pronunciamentos do Pedro; A3 – Solidariedade. Expulsão; A4 – Pesquisas e relatório; A5 – Assembleia; 5ª: Assembleia local; 5B – Assembleia Regional; 5C – Assembleia Geral; A6 – Linhas e Atas. Bolão (Inho); A7 - Xavante. Suia Missu e Arredores; A8 - Repressão. Arbitrariedades Policiais; A9 – Pe. Francisco Gentel; A10 – Pe. João Bosco; A11 – Ensaios populares; A12 – Centro de Estudos e Documentação; A13 – São Félix; A 13,2 -São Félix. UNESF; A13,3 – Palavra de Sábado; A13,4 – Prefeitura Municipal; A14 – Santa Terezinha; A15 – Tapirapé; A16 – Alvorada; A17 – Porto Alegre; A17,A – Confresa – A partir de 2006 “A50”; A18 – Canabrava; A19 – Ribeirão Cascalheira; A20 – Pontinópolis; A21 – Serra Nova; A22 – Santo

Antonio do Rio das Mortes; A23 – Ilha do Bananal. São João do Javaé; A24 – Acusações e Denúncias (contra); A25 – Romarias e Missões (10 e 20 anos); A26 – Equipe Central, representativa; A27 – São José do Xingú; A28 – Luciara; A29 – São Sebastião da Chapadinha; A30 – Karajá; A31 – Alto Boa Vista. Azulona. Gameleira; A32 – Educação; A33 – Saúde; A34- Vila Rica; A35 – Pastoral; A36 – Cultura; A37 – Sindicato; A38 – Indigenista; A39 – CPT local; A40 – Santa Cruz do Xingu; A41 – Pão e Circo; A42 – Mártires da Caminhada; A43 – Formação. Enfrentantes de comunidades; A44 – Levantamento de pastoral; A45 – Conselhos: 45A – Conselho Local; 45B – Conselho Regional; 45C – Conselho Geral; A46 – Diversos; A47 – Direitos Humanos da Região; 47A – Luiz Bang e Cascão; 47 B – Bruno Soares; 47C – Gilberto Rezende; A48 – Seminaristas; A49 – Projetos; A50 – Confresa; A51 – Política; A52 – Querência; A53 – Bom Jesus do Araguaia; A54- Índios kana; A55 – Pastoral da Juventude; A56 – Pastoral da Pessoa Idosa; A57 – Pastoral da Criança; A58 – Pastoral Carcerária; A59 – Pastoral da Família; A60 – Contratos; A61 – Sacramentos; A62 D. Leonardo Ulrich Steiner; A63 – D, Adriano Giocca Vasino; A64 - Kisêdjê; A65 – Papa Francisco.

Assim disposto, nessa diversidade de temas e sujeitos históricos esse Arquivo Eclesiástico constitui um importante acervo documental. Por ser um dispositivo que priorizou as práticas sociais de agentes sociais e religiosos, ele está disponível às sociedades do mundo inteiro, como ferramenta de difusão de tradições religiosas, ações culturais e educativas, exercícios de interlocução entre setores sociais, construção e efetivação de relações de poder político/socioambiental e cultural. Nesses aspectos, o arquivo registrou com muita acuidade fatos e acontecimentos de povos singulares e potencialidades documentais de histórias por visitar e revisitar, por analisar e reanalisar e por contribuir para se fazer documento se tornar documento/monumento. Enfim, experiências de vidas registradas que constituem lembranças e memórias de gente que sequer sabemos quem foi e por quais razões deixaram lembranças e escritos como diz Mario Quintana na epígrafe deste artigo.

PARA ALÉM DOS ARQUIVOS ECLESIASTICOS: PROSEGUIR NA ARTE DE DECIFRAR AS VIDAS, OS SUJEITOS E OS ACONTECIMENTOS

Nossa pretensão em concluir este trabalho é um desafio porque, ao estabelecermos os caminhos de escrita sobre o primoroso arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia imaginamos o quão vigoroso será debruçar nos estudos sobre essa organização arquivística. Em cada prateleira,

cada escrito, cada tema que envolvem os componentes históricos dessa Prelazia e, também a cada linha de organização arquivística há uma vida por decifrar, há vidas por compreender e analisar com as luzes da ciência e a capacidade orgânica de produzir conhecimentos.

Nesta oportunidade, conseguimos compreender na dinâmica dos acontecimentos e a cada conjunto descritivo o quanto este Arquivo Eclesiástico pode oferecer aos pesquisadores e pesquisadoras que como nós, estão em busca de documentos e trabalhos produzidos pelos agentes históricos, pelos diferentes grupos sociais nesse território¹⁸ do Araguaia/Xingu e que oferece um mergulho nos vestígios das ações empreendidas na formação do povo brasileiro. E, de forma muito singular, percebemos que este Arquivo Eclesiástico, merece ser minuciosamente estudado, ser olhado, sentido, contemplado não como um espaço gelado, cercado de cimento, tijolos, areia, madeira, mas, como um espaço político, social e cultural que compreende vidas, vozes, testemunhos e significados de formas distintas de produzir a arte de viver.

Nesses aspectos, o Arquivo Eclesiástico da Prelazia ganha importância na potencialidade de subsidiar pesquisas sobre diversos temas nas singularidades do território Araguaia/Xingu na fronteira com a Amazônia. Ao mesmo tempo, permite encontrar e produzir racionalidades que possibilitem conhecer as dificuldades das relações no encontro territorial entre os povos do cerrado e da floresta, nos desafios de entender os homens e mulheres do espaço social da Prelazia. Principalmente porque organizou e tem guardado para consultas um conjunto de documentos que foram escriturados, muitos deles transformados de depoimentos orais ou produções com testemunhos para a escrita jornalística ou informativa como é o caso do Jornal Alvorada da própria Prelazia de São Félix, que hoje está totalmente digitalizado e disponível para consultas.

Assim sendo, verificamos que este arquivo eclesialístico pensou naqueles que estavam sobre a autoridade de bispos, padres e missionários, aqueles que mantinham relações sociais, culturais e educativas com as lideranças e dirigentes de pastorais, movimentos e instituições escolares sob a responsabilidade da Prelazia de São Félix do Araguaia. Daí porque precisamos entender como os arquivos eclesialísticos constituem uma organicidade como a vida na Prelazia pensando nas articulações que fizeram e fazem com as comunidades indígenas, posseiros, peões, mulheres, nos diversos grupos que compõem as CEBs e também em estudantes que frequentavam as escolas coordenadas pelos membros da Prelazia e que tornavam efetivas os modos de escolarização e as

¹⁸ Neste texto, apoiamos em Santos (2005 A) para a noção de território não apenas como aspectos físicos, mas também simbólicos.

formas de ensino nas instituições de saberes sob responsabilidade direta do Bispo Dom Pedro Casaldáliga, de maneira muito singular.

Ainda que tenha produzido muito, essa organização arquivística eclesiástica não conseguiu registrar todas as possibilidades de guarda da memória desse povo do nordeste de Mato Grosso. Ainda há muita memória oral a ser transformada em documentos escritos, tal qual a situação de diversos arquivos pelo Brasil¹⁹. Na Prelazia existe um contingente significativo de pessoas que se constituem em organizações ou estão fora desses processos que podem e devem nos trazer informações preciosas sobre os trabalhos desenvolvidos naquele território testemunhando acontecimentos significativos.

A organização de um arquivo eclesiástico, por melhor que seja, por mais intenso que se constitua, não consegue alcançar e dar conta de ordenar todos os testemunhos/depoimentos orais, tendo em vista, inúmeras dificuldades com as finalidades e prioridades do arquivo e também, principalmente, por falta de políticas públicas de incentivo e organização de arquivos no Brasil e, em Mato Grosso de modo muito particular²⁰. Desde dificuldades para aquisição de equipamentos até a manutenção desse fardo material documental. Não há formas de sustentação e de financiamento de equipamentos de arquivos com essas grandezas de possibilidades de armazenamento de informações. Assim, as instituições realizam aquilo que podem e conseguem, na medida das suas condições.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Percursos de um Arq-Vivo: entre arquivos e experiências na pesquisa em história da educação** / Dóris Bittencourt Almeida. – 1. ed. – Porto Alegre: Editora Letra1, 2021. 164 p.

CASTRAVECHI, Luciene Aparecida. **A Prelazia de São Félix do Araguaia e a luta pela terra em Porto Alegre do Norte/Mato Grosso (1970-1980): migração e conflito no campo**. 2017. Tese

¹⁹ Há que se fazer uma exceção aqui diante do trabalho primoroso do CPDOC da FGV que constituiu um dos mais vigorosos arquivos brasileiros a partir de depoimentos orais sobre o período Vargas e o período do regime militar/ditadura civil-militar no Brasil. Documentos esses importantes para conhecermos a história deste País.

²⁰ Em consulta no site do Conselho Nacional de Arquivos, no endereço eletrônico <https://www.gov.br/conarq/pt-br> tivemos a confirmação de que, dos 141 municípios mato-grossenses, existe registrado no Cadastro Nacional de Entidades Custeadoras de Acervos Arquivísticos - CONARQ – ARQUIVO NACIONAL, apenas os seguintes acervos arquivísticos: Arquivo Central da Universidade do Estado de Mato Grosso, Associação dos Docentes da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmara Municipal de Rondonópolis, Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional da UFMT, Superintendência de Arquivo Público do Mato Grosso e Arquivo Público Municipal de Rondonópolis. E, como podemos verificar, dos arquivos registrados 03 (três) pertence as universidades e 02 (dois) arquivos pertencem a uma única cidade e o sexto pertence ao Estado de Mato Grosso. Portanto, existem 140 municípios sem arquivo devidamente registrado no CONARQ – ARQUIVO NACIONAL.

(Doutorado em História) — Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

CERTAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 6 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes; 1994.

CUNHA, Maria Teresa Santos; ANDRADE, Ana Luiza Santiago de. Falando sobre Arquivos Pessoais: Guardados sobre Sandra Jathai Pesavento em tempos salteados (década de 1980-2000). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - RIHGRGS**, Porto Alegre, n. 158 especial, p. 85-100, dezembro/2020. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/103557/59408>>. Acesso em 20 jul. 2021.

FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Edusp, 2009.

FOCUS. Banco de Dados. Disponível em: <<https://www.focus.fe.unicamp.br/pt-br/projetos-tematicos/congregacoes-catolicas-educacao-e-estado-nacional/banco-de-dados>> Acesso em 30 jul. 2021.

GUINZBURG, Carlo. **Relações de forças**: história, retórica, prova. Trad. Jônatas Batista Neto – São Paulo: Companhia das letras, 2002.

JESUS, Irmãzinhas de. **O renascer do povo Tapirapé**: diário das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld. São Paulo: Editora Salesiana, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

MINAYO, Marília Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain Francois [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Cristian José Oliveira. **Os Arquivos das Primeiras Prelazias e Dioceses Brasileiras no Contexto da Legislação e Práticas Arquivísticas da Igreja Católica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília; 2005.

SANTOS, Milton. **O retorno do Território**. Buenos Aires: OSAL: Observatório Social de América Latina, 2005 A, p.251-261.

SOARES, Luiz Antonio Barbosa; ARAÚJO, Maria do S. S.; ZATTAR, Neuza B. **Territórios do Araguaia**: entre a palavra poética e o gesto político. Editora UNEMAT, 2017.

SOUZA, Maria Aparecida Martins. **Retalhos de Vida**: Escravidão contemporânea nas agropecuárias do Araguaia. 2009. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2009.

Pensando os arquivos eclesiais: a contribuio do arquivo da Prelazia de So Felix do Araguaia na preservao da memria local

Submetido em: 8 de out de 2021.

Aprovado em: 14 de nov de 2021.

Publicado em: 31 de dez de 2021.